

Educação Popular e Barbárie: Possibilidades de Resistências no Contexto do Quinta Superação

Roberta Avila Pereira¹
Lisiane Costa Claro²
Vilmar Alves Pereira³

Resumo

O presente texto tem como objetivo tecer algumas reflexões no que concerne as possibilidades potencializadas nas práticas educativas e os desafios encontrados no contexto do Pré-Universitário Popular Quinta Superação, vinculado ao PAIETS/FURG. Neste sentido, o estudo parte da denúncia de uma sociedade opressora, através do conceito de barbárie (ADORNO, 2003), no horizonte da Educação Popular, para pensar sobre os desafios e possibilidades do curso pré-universitário popular Quinta Superação, vinculado ao PAIETS/FURG, no que concerne o desenvolvimento de práticas que visam o movimento de resistência frente à lógica do capital. Para tanto, o trabalho está organizado em três momentos: primeiramente faremos algumas considerações no que se refere aos conceitos de barbárie e emancipação compreendidos por Adorno (2003) no horizonte do contexto do pré-universitário popular; em seguida buscamos refletir sobre as práticas desenvolvidas no curso popular; e por fim traçamos nossas considerações.

Primeiras Palavras

O presente texto tem como objetivo tecer algumas reflexões no que se refere a luta pelo acesso da camada popular à uma universidade pública e de qualidade e, mais especificamente, a luta do curso Pré-Universitário Popular Quinta Superação, vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, localizado na Vila da Quinta, Rio Grande/RS, em ocupar o espaço universitário. Entendemos que a lógica do capital promove a necessidade dos sujeitos das classes populares a ingressarem cedo no mercado de trabalho, deixando para traz, na maioria das vezes, o sonho de dar continuidade aos estudos.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande/FURG

² Doutoranda em Educação Ambiental/PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande/FURG

³ Professor Dr. da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Levantamos enquanto objetivo, apresentar uma concepção que anuncie a ruptura com a lógica dominante, a qual transpõe a fragmentação presente no processo produtivo no bojo educacional. Por isso, consideramos pertinente traçar aqui nossas experiências no Quinta Superação, com a intenção de buscarmos compreender quais as possibilidades de transformação social e, sobretudo, humana potencializadas nas práticas educativas desenvolvidas no contexto do curso e quais as situações limites encontradas frente a uma estrutura capitalista enquanto desafios a serem superados. Consideramos de grande relevância questionar e problematizar o contexto em que estamos inseridos através da denúncia a barbárie como forma de opressão para que possamos anunciar qual sociedade almejamos.

Para tanto, no desenrolar desta escrita tentaremos estabelecer um diálogo reflexivo entre a Educação Popular e os conceitos de Barbárie e Emancipação compreendidos por Theodor Adorno (2003) a fim de buscarmos um entendimento sobre as situações vivenciadas no pré-universitário, que tem em suas práticas o horizonte na Educação Popular como uma escolha intrinsecamente política. Assim, questionamos: Em quais nuances a barbárie se faz presente na sociedade regida pelas acepções do capital? A Educação pode contrapor-se a barbárie? Quais as possibilidades a partir de uma educação que esteja atenta aos enfrentamentos da lógica opressora?

Diante disso, nossos esforços direcionam-se no sentido de compreender como as ações desenvolvidas no pré-universitário popular Quinta Superação estão buscando a superação de um sistema opressor, na perspectiva de Adorno (2003), a superação da barbárie. Neste sentido, este texto está organizado da seguinte forma: inicialmente dialogamos com as concepções teóricas mencionadas anteriormente entrelaçadas às práticas educativas desenvolvidas no pré-universitário; no segundo momento, buscamos refletir sobre as práticas construídas no cotidiano do pré-universitário popular enquanto um espaço de formação humana; por fim, traçamos nossas considerações no último dos subtítulos.

A partir dessas indagações, propomo-nos a retomar uma concepção que, ao adentrar um campo construído, merece nosso esforço na busca por formas mais solidárias de anunciar transformações na esfera educacional. Reivindicamos um caminho que seja uma contramarcha na era da barbárie por meio da Educação Popular.

Educação Popular e Barbárie

Consideramos pertinente neste primeiro momento situar nosso campo de vivências no que concerne a questões epistemológicas. Neste sentido, buscamos aqui traçar algumas considerações sobre o entendimento de barbárie e emancipação para Adorno entrelaçando com as experiências no pré-universitário popular alicerçado na concepção de Educação Popular.

Compreendendo que vivenciamos atualmente as contradições dos modos de produção capitalista, em que a divisão de trabalho é condição necessária, a racionalidade instigada pelo capital distancia o sujeito do processo de produção e força-o a atividades fragmentadas, repetitivas e irrefletidas, afastando-o de sua capacidade de criação e individualidade. E, em contrapartida, os consumidores destes produtos padronizados são indivíduos que são moldados pelos veículos de comunicação, instrumentalizados pela indústria cultural, para consumir estes produtos passivamente. Nesta lógica, tanto na produção quanto no consumo, é internalizado a pedagogia de repetição, produção e consumo de artefatos padronizados e irrefletidos. A organização da sociedade está centrada na perpetuação desta estrutura, alheia a consciência individual, onde cerceia a individualidade em prol da massificação para lubrificar as engrenagens deste sistema e perpetuar a ideologia dominante.

A barbárie compreendida por Adorno (2003), nesta perspectiva, é contrária a formação humana. Está enraizada no processo de civilização, na competitividade, preconceitos e atitudes repressivas. Nas sociedades industriais há um controle da vida social, através do predomínio das forças dominantes da sociedade sobre os indivíduos. Neste processo de controle dos segmentos da vida social, a socialização total, produz o anseio de abstrair-se da situação.

Desse modo, percebe-se a barbárie instaurada nas manifestações objetivas da violência (física ou simbólica) advinda de pessoas sádicas reprimidas – as situações de violência sociais (re)produzem a mesma violência, os sujeitos infringem-na aos outros membros da sociedade de forma naturalizada. Freire (1987) nos aponta que o processo de organização social na lógica opressora está atrelado a (re)produção e perpetuação deste modelo através da residência da verdade do opressor na consciência do oprimido. Nesta perspectiva, o processo de civilização produz suas próprias contradições, a barbárie.

Adorno defende que uma maneira de opor-se a barbárie é através da resistência. Neste sentido, entende que a educação que objetive a desbarbarização não é uma educação para o conformismo e para a identificação com o ideologicamente estabelecido,

mas, ao contrário, uma educação para a contraposição, uma Educação Política. Segundo Maar (2003) “Em Adorno a teoria social e na realidade uma abordagem formativa, e a reflexão educacional constitui uma focalização politico-social. Uma educação política.” (p. 15)

Ponderamos que as práticas desenvolvidas no contexto do curso popular, alicerçadas na Educação Popular, com fundamentos teóricos de diversos autores, estão direcionadas para este objetivo. A Educação Popular, em sua razão ontológica, deve movimentar-se contra as desigualdades e contradições impostas, buscando a libertação com o coletivo, a conscientização do povo, rompendo com a camada opressora. Uma vez que a educação é um meio de resistência à realidade vigente, a Educação Popular tem a obrigatoriedade de ser uma luta, um movimento contra a classe dominante, através de práticas voltadas para o desenvolvimento da emancipação crítica dos sujeitos, para o desenvolvimento do *ser mais*.

Além disso, ponderamos que a prática pedagógica precisa estar voltada para a criticidade dos educandos e educandas, através de formação continuada e permanente. Precisamos estabelecer uma relação de confiabilidade que aponta para uma nova ontologia, criando possibilidades dos sujeitos de ser mais. Concordando com Adorno (2003), uma educação humanizadora, que visa o esclarecimento, que se proponha à resistência ao processo da barbárie.

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia [de H. Becker], se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado” (Adorno, 2003, p. 141-142).

Nesse sentido, é que estamos nos constituindo enquanto educadores populares, principalmente através de uma prática problematizadora que possibilita aos sujeitos a oportunidade de se posicionar diante da sociedade. Assim, oportunizamos a aprendizagem e novos conhecimentos para a educação das classes populares. No entendimento de Adorno (2003), uma educação que busque a visão crítica da sociedade, na tentativa de responder os processos de constituição da estrutura social, em síntese, uma educação contextual que se opõe a alienação. No contexto da Educação Popular, conhecer a realidade dos sujeitos envolvidos e da sociedade em que estão inseridos torna-se

imprescindível para todo trabalho educativo. Nesta educação, deve-se, necessariamente, estar comprometida com a reflexão sobre a realidade objetiva, buscando compreender os processos de constituição social para modifica-los.

Para Adorno, a condição necessária para o desenvolvimento da emancipação, enquanto um projeto sócio cultural, é a formação de indivíduos autônomos - que é entendido como força verdadeira de contraposição dos princípios da barbárie, uma vez que a autonomia é compreendida como reflexão, autodeterminação e auto condução. Segundo Arroyo (2003),

[...]não será possível ensinar para participação, desalienação e libertação de classe com os mesmos livros didáticos, a mesma estrutura e a mesma relação pedagógica com que se ensinaram a ignorância e a submissão de classe. (p. 20)

Ao buscarmos realizar uma prática de educação libertadora, humanizadora, devemos focar nossos olhares para um processo contínuo de compromisso de educadores com a realidade na qual estamos inseridos. Na medida em que temos convicção de que a prática educativa não é neutra estamos contribuindo para o despertar da consciência crítica dos educandos.

A educação para a emancipação deve opor-se a barbárie. A educação para desbarbarização não é uma prática educativa direcionada para o conformismo e para a identificação com o ideologicamente estabelecido, mas uma educação para contraposição e resistência. Neste sentido, os cursos pré-universitários populares enquanto espaços de luta por uma transformação social, precisam ter como objetivo principal uma prática educativa que desnaturalize os processos sociais, historicizando-os, para que assim os sujeitos se compreendam como atores sociais, que podem interferir e modificar o cenário social.

Quinta Superação: Possibilidades de Resistências

O Curso Pré-universitário "Núcleo Educacional Popular Quinta Superação" existe desde o ano de 2003. Está localizado na Vila da Quinta, fazendo parte do 5º Distrito do município de Rio Grande, ficando aproximadamente 15 km da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Inicialmente, o curso popular era desenvolvido em espaços cedidos pela comunidade como o salão de festas da SIRQ (Sociedade de Instrução e Recreio da Quinta) e no Grêmio Esportivo Nacional. Em 2010, o curso foi realizado na Escola Municipal Coriolano Benicio e em 2011 tornou-se parceiro da Escola Estadual Lilia Neves, onde está sediado atualmente.

O curso começou através do interesse de graduandos que moravam na localidade e arredores, juntamente com a presidente de bairro desta comunidade, com o objetivo de formar um curso gratuito, no qual os educadores eram voluntários. Nesta ocasião não ocorria nenhum vínculo com a Universidade Federal do Rio Grande. O curso era mantido por moradores e comerciantes da localidade, que ajudavam na manutenção e divulgavam quando começavam as inscrições do pré-universitário no começo de cada ano. No ano de 2007, através da criação do PAIETS, o curso popular se vincula à FURG.

As atividades educativas que são desenvolvidas visam proporcionar momentos de reflexões e aprendizagens aos jovens e adultos das classes populares para o processo seletivo do ENEM e dos Ensinos Técnicos. Consideramos que o pré-universitário popular contribui para dialogar com a realidade em que os educandos encontram-se, por isto, acreditamos que os saberes locais contribuem para aproximar os educandos das propostas da educação popular.

Nesse sentido Freire (1996) afirma que a partir dos saberes da vida dos sujeitos, é que desenvolveremos práticas emancipatórias e coletivas, isso significa propor um novo olhar sobre questões que estão no âmbito educativo. Para Brandão (2006) “A Educação Popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do saber compartilhado cria a experiência do poder compartilhado.” (p.90). O curso pré-universitário tem a filosofia de acolher e partilhar sentimentos de pertencimento de solidariedade com o próximo e, talvez, o mais importante, o reconhecimento que todos somos capazes de vir a ser mais, segundo a perspectiva de Freire (1987). Isso fica evidente com a fala de uma educanda: “Eu venho pro curso não pra passar no ENEM, mas pra aprender. Aqui eu aprendo muitas coisas importantes pra minha vida.” Segundo Adorno (2003) “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (p.122).

Através desse relato, podemos perceber que a lógica presente nos cursos populares se difere muito da lógica dominante presente em nossa estrutura social. É possível perceber um distanciamento do pensamento competitivo, em que os conhecimentos formalizados estão subordinados a sua utilidade nos processos seletivos. Entrelaçando esta afirmativa com o pensamento de Adorno (2003), é possível ponderar que esta narrativa está na contramão da barbárie na medida em que está rompendo com a ideologia desumanizadora tão presente no processo de civilização da sociedade.

Nesta perspectiva, os cursos pré-universitários populares surgem na “contramão” deste processo opressor, na luta pela desbarbarização. Visando a

emancipação dos sujeitos, enquanto conscientização em comunhão, os cursos populares, alicerçados na Educação Popular, buscam romper com as amarras opressoras impostas pela conjuntura desta sociedade elitista a fim de que estes sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua própria história, deixando de ser um expectador da sociedade para agir sobre ela, transformando-a.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto, pondera-se que as práticas desenvolvidas no curso Quinta Superação estão na contramarcha da barbárie na medida em que a Educação Popular objetiva o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos no processo educativo enquanto um projeto social que visa à emancipação. Dessa forma, nesta relação, está intrínseca a aposta no ser mais dos indivíduos enquanto sujeitos que buscam pelas suas lutas cotidianas superar a lógica de um sistema que não acredita nas condições de emancipação do sujeito.

Com a certeza da pertinente aproximação entre o entendimento sobre a condição de barbárie presente na conjuntura atual e a Educação Popular, que se compreende profundamente emancipatória, uma vez que propõe a superação das formas de opressão da estrutura capitalista, consideramos que a educação, enquanto ação emancipatória, é o meio pelo qual podemos romper com a estrutura dominante vigente de civilização, a barbárie. “Educar é emancipar a humanidade, criar estados de liberdade diante das condições que nos colocamos no processo histórico e propiciar alternativas para irmos além de tais condições.” (LOUREIRO, 2006, p. 142).

Compreendemos que, como práxis social, a Educação Popular, em seu caráter emancipatório e transformador, contribui para processo de construção de uma organização social, na qual a atuação crítica, política e ética esteja no cerne.

É evidente que as amarras opressoras que permeiam a nossa sociedade definem as regras sociais, mas na aposta do *ser mais* de cada educando enquanto sujeito que busca em suas lutas cotidianas superar as contradições deste sistema opressor é que é possível a Educação Popular. A Educação Popular enquanto em seu caráter de luta, é necessária nos cursos pré-universitários populares na medida em que se busca superar o contexto opressor em que nos encontramos, através da transformação dos sujeitos, também é transformada a sociedade. Trilhamos esse caminho, pois acreditamos em uma educação comprometida com o social.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ARROYO, Miguel Gonzalez. (org.) **Da escola carente á escola possível**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Coleção 318, Primeiros Passos, Brasiliense. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernado. **Complexidade e Dialética**: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>